

PROPOSIÇÃO

A história de Hans Castorp que vamos contar — não por sua causa (pois o leitor vai deparar nele como um jovem simples, embora cativante), mas por causa da história, que nos parece digna em alto grau de ser contada (embora deva lembrar-se, para fazer jus a Hans Castorp, que se trata da *sua* história e que não é a qualquer um que acontece qualquer história): esta história aconteceu há muito, está, por assim dizer, já toda coberta por uma pátina histórica e tem absolutamente de ser contada na forma temporal do passado mais remoto.

Isso não seria uma desvantagem para uma história, mas sim uma vantagem: é que as histórias têm de ser passadas e poderia dizer-se que quanto mais passadas, melhor para elas, na sua qualidade de histórias, e melhor para o narrador, o invocador sussurrante do imperfeito. Contudo, passa-se com ela o que se passa hoje com as pessoas e, entre estas, não menos com os contadores de histórias: é muito mais velha do que os anos que tem, a sua idade avançada não pode calcular-se em dias, os anos que sobre ela pesam não podem ser calculados em períodos solares; numa palavra: não é propriamente ao *tempo* que ela deve o grau do seu ser-passado — uma afirmação com que se menciona e assinala de passagem a maneira como este elemento misterioso é questionável e tem uma natureza ambígua estranha.

Mas, para não obscurecer artificialmente factos que são claros: a elevada vetustez da nossa história provém de se passar *antes* de uma certa viragem e linha de fronteira que cindiu profundamente a vida e a consciência... Ela passa-se ou, para evitar propositadamente todo o presente, passou-se e foi passada antigamente, outrora, noutros tempos, do mundo antes da grande guerra, com cujo início tanta coisa começou

que praticamente não terá cessado de começar. Ela passa-se, assim, antes, embora não muito antes. Mas não é o carácter de passado de uma história tanto mais profundo, completo e fantasioso quanto mais chegada ao “antes” estiver? Ademais, poderia acontecer que a nossa história, pela sua natureza interna, também tenha uma coisa ou outra que ver com o conto maravilhoso.

Vamos contá-la em pormenor, de forma exacta e minuciosa — pois alguma vez o facto de uma história ser deleitosa ou enfadonha esteve dependente do espaço e do tempo que ocupou? Sem medo do odioso da meticulosidade, inclinamo-nos, isso sim, para a opinião de que só o que vai ao fundo das questões é verdadeiramente capaz de entreter.

Não será, portanto, num abrir e fechar de olhos que o narrador vai acabar de contar a história de Hans. Os sete dias de uma semana não vão ser suficientes e sete meses também não. O melhor é ele não esclarecer de antemão quanto tempo terreno há-de passar enquanto a história o mantém preso na sua teia. Santo Deus, de certeza que não hão-de ser sete anos!

Comecemos, pois.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Chegada

No pino do Verão, um jovem simples partiu de Hamburgo, a sua cidade natal, para Davos-Platz, no cantão de Graubünden. Ia de visita por três semanas.

De Hamburgo até àquelas alturas, é longa a viagem; demasiado longa, na verdade, para uma estada tão curta. Passa-se por desvairadas terras, monte acima e monte abaixo, do planalto da Alemanha do Sul até lá abaixo, às margens do lago Constança, e, de barco, através das suas ondas saltitantes, atravessando gargantas antes tidas por intransponíveis.

A partir daí, a viagem que até então, se desenrolou com largueza, em linhas directas, torna-se agitada. Há paragens e incómodos. Na povoação de Rorschach, em território suíço, toma-se outra vez o comboio, mas só se chega, para já, até Landquart, uma pequena estação dos Alpes, onde se é obrigado a mudar de comboio. O comboio para o qual se sobe, depois de bastante tempo à espera numa área ventosa e pouco atraente, é de bitola reduzida, e, no momento em que a pequena mas pelos vistos invulgarmente possante locomotiva se põe em movimento, começa a parte verdadeiramente aventureira da viagem, uma subida abrupta e obstinada, que parece não querer ter fim. É que a estação de Landquart situa-se, comparativamente, ainda a uma altitude moderada; agora, porém, a viagem segue mesmo a sério por uma via agreste e medonha entre as escarpas, em direcção às altas montanhas.

Hans Castorp — é este o nome do jovem — encontrava-se sozinho num pequeno compartimento forrado de cinzento, com a sua mala de

mão de pele de crocodilo, um presente do seu tio e tutor, o cômulo Tienappel, para mencionar também este nome já aqui, o seu sobretudo, que balouçava pendurado num gancho, e a sua manta de viagem enrolada; ia sentado junto a uma janela aberta e, como a tarde ia ficando mais fresca, ele, filhinho da mamã e flor delicada, levantara a gola do casaco de Verão, largo, segundo a última moda, e trabalhado em seda. A seu lado, em cima do banco, estava pousado um livro brochado intitulado *Ocean Steamships*, que, no início da viagem, estudara de quando em vez; agora, porém, estava ali pousado sem préstimo, enquanto o bafo que entrava pelo compartimento vindo da locomotiva pesadamente ofegante lhe cobria a capa com partículas de carvão.

Dois dias de viagem afastam uma pessoa — para mais, a pessoa jovem, ainda pouco solidamente enraizada na vida — do seu mundo quotidiano, de tudo aquilo a que chamava deveres, interesses, cuidados, perspectivas, muito mais do que, no percurso de fiacre para a estação, provavelmente sonhou. O espaço que, rodopiando e fugindo, vai rolando entre ele e o seu solo natal revela forças que, normalmente, se julga reservadas ao tempo; hora após hora, ele produz modificações internas que são muito semelhantes às provocadas pelo tempo, mas, em certa medida, as superam. Tal como o tempo, o espaço cria esquecimento; fá-lo, porém, libertando a pessoa humana das suas relações e colocando-a num estado livre e original — até o pedante e o filisteu ele consegue, num abrir e fechar de olhos, transformar em algo como um vagabundo. O tempo, diz-se, é Lete; mas também o ar de paragens distantes é uma poção análoga e, mesmo que produza um efeito menos radical, produ-lo, em compensação, com tanto mais rapidez.

Hans Castorp sentiu também algo semelhante. Não se propusera dar uma importância especial a esta viagem, deixar-se envolver por ela interiormente. A sua ideia fora, isso sim, despachá-la rapidamente, já que tinha de ser despachada, regressar exactamente como a mesma pessoa que partira e retomar a sua vida no ponto preciso em que tivera de a deixar ficar por momentos. Ainda ontem estivera completamente enredado na sua maneira habitual de pensar, andara às voltas com o que acabara de acontecer, o seu exame, e com o que estava iminente, a sua entrada na vida prática na firma Tunder & Wilms (estaleiro naval, fabrico de máquinas e caldeiras), e desviara os olhos das três semanas seguintes com tanta impaciência como o seu temperamento consentia. Agora, porém, sentia, afinal, que as circunstâncias exigiam toda a sua atenção e que não

era apropriado levá-las pouco a sério. Ver-se alçado a regiões onde nunca respirara e onde, como sabia, reinavam condições de vida totalmente inabituais, estranhamente rarefeitas e frugais — tudo isto começava a excitá-lo, a enchê-lo de uma certa ansiedade. A terra natal e a ordem não apenas haviam ficado muito para trás, como, sobretudo, estavam a uma profundidade imensa abaixo dele, que continuava a sua ascensão. Pairando entre elas e o desconhecido, perguntou a si próprio que tal iria dar-se lá em cima. Talvez fosse pouco sensato e despropositado ele, que nascera apenas alguns metros acima do nível do mar e estava habituado a respirar ali, deixar-se transportar, de repente, para estas regiões extremas, sem ter ao menos passado alguns dias num local situado a uma altitude intermédia? Ansiava por chegar ao destino, porque, uma vez lá em cima, pensou, as pessoas viveriam como em toda a parte e não tinham de andar a recordar-se, como agora durante a escalada, das esferas descomedidas em que se encontravam. Olhou para fora: o comboio serpenteava por um desfiladeiro estreito; viam-se as carruagens da frente, via-se a locomotiva, a qual, no seu esforço, expelia massas de fumo castanhas, verdes e negras que se dissipavam no ar. À direita, havia águas a rumorejar nas profundezas; à esquerda, pinheiros escuros erguiam-se entre penedos contra um céu cinzento cor de pedra. Apareciam túneis escuros como breu e, quando clareava de novo, abriam-se amplos despenhadeiros com povoações ao fundo. Os despenhadeiros fechavam-se, seguiam-se novos desfiladeiros, com restos de neve nas suas fendas e gretas. Havia paragens em estaçõeszinhas decrepitas, estações terminais de onde o comboio saía às arreguas, o que causava confusão, porque já não se sabia em que direcção se seguia e já não se tinha noção dos pontos cardeais. Abriam-se magníficas vistas para o mundo sagrado-fantasmagórico dos alcantilados picos alpinos para onde se seguia e onde se ia penetrar, fugindo de novo ao olhar reverente quando o caminho fazia uma curva. Hans Castorp pensou para si que subira já além da zona das árvores e, possivelmente, da das aves canoras, se não estava em erro, e esta ideia de que algo terminava e o empobrecia fez com que, tomado por uma ligeira vertigem e mal-estar, tapasse por dois segundos os olhos com a mão. Isto passou. Viu que a ascensão chegara ao fim, que o ponto culminante do desfiladeiro fora vencido. No fundo plano de um vale, o comboio rolava agora com mais facilidade.

Eram cerca de oito horas, o dia ainda se mantinha. Ao fundo da paisagem, apareceu um lago, as ondas eram cinzentas e, junto às margens,

nas colinas circundantes, havia pinhais a erguer-se, negros, rarefazendo-se mais acima, perdendo-se e deixando para trás penedos calvos e enevoados. Parou-se numa pequena estação, era Davos-Dorf, como Hans Castorp ouviu anunciar lá fora, dentro em breve teria chegado ao seu destino. E, de repente, ouviu ao pé de si a voz de Joachim Ziemßen, a voz pausada do seu primo, que dizia, com o seu sotaque hamburguês: “Viva, então não saís?”; e, ao olhar para fora, viu, debaixo da sua janela, Joachim em pessoa no cais, com um casacão castanho, sem nada a cobrir a cabeça e com um aspecto tão saudável como nunca. O primo riu-se e voltou a dizer:

“Sai lá daí, não te ponhas com cerimónias!”

“Mas eu ainda não cheguei”, disse Hans Castorp, admirado e sem se levantar do lugar.

“Chegaste, sim. Isto é a aldeia. Daqui é mais perto para ir para o sanatório. Tenho transporte à espera. Dá cá as tuas coisas.”

E, rindo, confuso, na excitação da chegada e do reencontro, Hans Castorp passou-lhe a mala de mão e o sobretudo, a manta mais a bengala e o guarda-chuva, e, finalmente, também o *Ocean Steamships*. Depois atravessou o corredor estreito e saltou para o cais para a saudação verdadeira e, por assim dizer, só agora pessoal ao seu primo, que se processou sem exuberância, como é próprio de pessoas de costumes reservados e rígidos. É uma coisa estranha de dizer-se, mas, desde sempre, eles tinham evitado tratar-se pelos nomes próprios, pelo simples receio de uma relação demasiado calorosa. Como, porém, não dava jeito tratarem-se pelos apelidos, limitavam-se ao tu. Era um hábito enraizado entre os primos.

Um homem de libré, com um boné agalocado, ficou a vê-los a apertar as mãos um ao outro, rapidamente e um pouco acanhados — o jovem Ziemßen numa pose militar —, e aproximou-se, depois, para pedir o talão da bagagem de Hans Castorp; tratava-se do porteiro do Sanatório Internacional Berghof e propunha-se ir buscar a mala grande do hóspede à estação de Davos-Platz, enquanto os cavalheiros seguiam directamente de carro para o jantar. O homem coxeava nitidamente e, assim, a primeira coisa que Hans Castorp perguntou a Joachim Ziemßen foi:

“É um veterano de guerra? Porque é que coxeia desta maneira?”

“Ora, pois!”, respondeu Joachim num tom um pouco amargo. “Um veterano de guerra! Tem qualquer coisa no joelho — ou melhor, tinha, porque lhe tiraram a rótula.”